

RANHURAS DE SENTIDO NO CORPO DO SUJEITO: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

AZEVEDO, Aline Fernandes
Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp
(azevedo.aline@gmail.com)

Este estudo tem como objeto de análise a escrita no corpo do sujeito. Nele pretendo mostrar como o corpo, compreendido como objeto paradoxal, é significado em duas fotografias selecionadas na rede de sociabilidade Facebook. Essas imagens de si que circulam na web têm em comum o fato de mostrarem escrituras corporais, tatuagens que marcam a inscrição do sujeito em uma formação discursiva. Pensando corpos constituídos em processos de subjetivação/identificação (Pêcheux, 1975) e individuação (Orlandi, 2012), interrogo acerca da possibilidade de compreender a escrita na pele como prática de resistência (Orlandi, 2012). Por meio da escrita na carne “o sujeito se inscreve em um discurso, é evocado em uma forma-sujeito e funciona como sujeito de um discurso”, esclarecem Baldini e Leonel de Souza (2012, p.71). Sinais, entrâncias, ranhuras, indícios da injunção à significação, vestígios de como a ideologia se marca no corpo de um sujeito que não pode abster-se à demanda por significar-se. Na trilha de Pêcheux (1975) e Orlandi (2005; 2012), penso que a tatuagem, em sua forma material, é a inscrição de um sujeito que busca preencher (seus) vazios que, não obstante, são constitutivos de sua condição de ser sujeito. É essa incompletude que nos acompanha nas análises, que indicam, pela contradição, os furos nos quais as resistências podem configurar-se. Em “Os sentidos tomando corpo”, Baldini e Leonel de Souza (2012, p.81) mostram como as marcações corporais indicam, pelo funcionamento do interdiscurso, a alteridade que se produz na própria pele: “vozes discursivas outras ecoando nos sentidos de um certo corpo, a partir de dentro de sua própria pele, penetrando-a”. Essa produção de heterogeneidade no corpo do sujeito é, segundo os autores, uma resposta à necessidade de discursivizar o real, mas que ao invés de tapar o furo, acaba por expô-lo. “O resultado é que o sujeito entra no mundo simbólico por esse confronto – ao tentar fechar todos os buracos de sua edificação, entra em contato com sua singularidade”.

Mas não é só a observação do confronto do sujeito com o real que o gesto de análise nos possibilita. Um olhar mais atento permite vislumbrar, a partir das fotografias analisadas, a contradição presente em sua materialidade discursiva, o equívoco, o lugar no qual a ideologia falha. Ainda, foi possível observar a identificação com a forma-sujeito da sociedade capitalista de mercado, o sujeito livre e responsável, aquele que acredita dominar seu corpo plenamente e fazer dele um emblema de si mesmo. Preso a processos de subjetivação que o produzem como mestre de seu dizer, o sujeito imprime ao seu corpo uma determinada forma, acreditando moldar uma identidade favorável. Entretanto, essa evidência da tatuagem como emblema do sujeito mascara suas ambiguidades. No jogo entre esconder e mostrar, ocultar e expor, é produzido o efeito de sentido de transparência de um corpo que nada nega ou oculta.

Na análise, é a categoria da contradição que se evidencia, indicando como o corpo do sujeito, cindido pela ideologia e pelo inconsciente, porta a marca da ambiguidade e do desejo, permitindo ir além da estreiteza de um ponto de vista que nomeia a inscrição corporal como mero sintoma do individualismo narcisista. Nesse sentido, a marcação no corpo é também marca de pertencimento a um grupo, uma vez que sinaliza a sociabilidade, marca o laço social. Preso a processos de individuação, o sujeito se tatua e modifica seu corpo num gesto que sinaliza sua necessidade de

significar sua própria singularidade: na ânsia por afrontar a impessoalidade que marca a nossa sociedade capitalista de consumo (Haroche, 2005), o sujeito marca sua pele e transforma seu corpo num *branding*: emblema de sua própria identidade. Em outras palavras, a tatuagem é capaz de produzir ranhuras de sentido num corpo que não é organismo como deseja o biologismo, mas que obedece a uma demanda de sentidos de um sujeito falante e estruturado pela falta: é só em um corpo que se percebe contemplado pelo outro que a marcação corporal constitui subjetividade.

Posto isso, é possível compreender a afirmação de Orlandi (2007), para quem o corpo do sujeito está atado ao corpo social: a corporalidade, desta maneira, é produzida na relação do sujeito com o outro, ou seja, nela o interdiscurso como exterioridade constitutiva produz seus efeitos, pela ideologia, constituindo um corpo dividido, pois é ao mesmo tempo individual e social. Isso quer dizer que a inscrição corporal individua esses sujeitos, pois produz neles traços singulares que marcam seus corpos. Em outras palavras, a tatuagem é a marca da contradição de um corpo que é, ao mesmo tempo, singular e grupal: preso a processos de individuação, o sujeito se tatua e modifica seu corpo num gesto que sinaliza sua necessidade de significar sua própria singularidade e, paradoxalmente, assinala sua pele identificando-se com os sentidos do grupo. Configura-se a metáfora do grupo-corpo (Enriquez, 2005), cuja coesão não pode ser pensada apenas como um conjunto de símbolos comuns (como pensam o psicologismo e o sociologismo), mas como a produção de um certo imaginário social que solda o grupo (Orlandi, 2006, p.23). A metáfora do grupo-corpo funciona como forma de denegação da diferença entre os sujeitos singulares no interior do grupo, indicando a contradição latente. A tatuagem, nessa perspectiva, é um gesto que significa social e politicamente, visto ser a marca da contradição: seu traço marca um dentro e um fora do grupo, sinaliza o pertencimento, através da identificação com uma posição sujeito específica dentro de uma dada formação discursiva.

Ainda, a textualidade analisada sugere a inscrição do sujeito e de seu corpo em determinada formação discursiva: as condições de produção desse discurso são marcadas pela mundialização, cujo mote é a financeirização das economias e a produção do consenso. Nas palavras de Orlandi (2012, p.24): “O discurso da mundialização é um discurso (neo) liberal. E este é o discurso dominante atual”. É uma marca do investimento econômico no corpo do sujeito. Entretanto, apesar de dominante esse discurso não é homogêneo, e as tatuagens e inscrições corporais são os indícios da divisão e da presença de fronteiras móveis e invisíveis que dividem o corpo do sujeito. Em “*Delimitações, inversões, deslocamentos*”, Pêcheux (1990) nos dá margem para pensar que o corpo, compreendido como objeto ideológico, é contraditório em si mesmo e marcado pela divisão. Sob a aparência da unidade, os objetos ideológicos são, para Pêcheux, divididos e profundamente contraditórios, mostrando-se em processos que se desenvolvem entre a univocidade e o equívoco, processos que, sendo coextensivos, permitem pensar a prática de resistência no interior mesmo da ideologia dominante.